



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

KÁTIA CRISTINA BERNARDO DE JESUS

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES EM MOÇAMBIQUE:
APONTAMENTOS PARA UMA ANÁLISE A LONGA DURAÇÃO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

KÁTIA CRISTINA BERNARDO DE JESUS

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES EM MOÇAMBIQUE:
APONTAMENTOS PARA UMA ANÁLISE A LONGA DURAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentada ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito para obtenção da Graduação de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

J56r

Jesus, Kátia Cristina Bernardo de.

A representação das mulheres em Moçambique : apontamentos para uma análise a longa duração / Kátia Cristina Bernardo de Jesus. - 2021.

50 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

1. Feminismo. 2. Mulheres - Moçambique - Condições sociais. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 305.4209679

KÁTIA CRISTINA BERNARDO DE JESUS

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES EM MOÇAMBIQUE:
APONTAMENTOS PARA UMA ANÁLISE A LONGA DURAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentada ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito para obtenção da Graduação de Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva

UNILAB

Profa. Dra. Maria Cláudia Cardoso Ferreira

UNILAB

Prof. Dr. Igor Fonseca de Oliveira

UNILAB

A minha
filha Andreza, para que sirva
de estímulo, para ela futuramente.

Agradeço a Deus primeiramente pelo dom da vida, por ter me dado saúde para que eu vivenciasse meu sonho, em tempos tão turbulentos, que é me graduar em uma Universidade Federal, e pela sua presença constante nos momentos de angústia, ansiedade devido às perdas.

A minha mãe pela força e incentivo nos momentos de enfraquecimento, e de quem não esqueço desde a minha infância sua frase, que dizia sempre para mim e minhas irmãs, “que a mulher tinha que estudar e trabalhar para que não ficasse dependendo de homem”.

Ao meu pai que mesmo não estando presente fisicamente há vinte e nove anos, lembrome na minha infância e adolescência, o quanto ele valorizava o estudo, e o quanto foi difícil para ele com mais quatro filhos (nesta época meu irmão caçula Vinicius não havia nascido), e doente me manter no Fundamental II em uma escola particular conceituada na minha cidade. Isso porque ganhei uma bolsa como melhor aluna da 4ª série no Fundamental I, e ele sabendo que seria uma boa base para meus estudos, quis fazer o esforço, porque mesmo eu tendo ganho a bolsa havia algumas despesas com fardamentos, livros e taxas de materiais, que para quem tinha mais filhos e compromisso com viagens três vezes por semana, pois fazia tratamento em Feira de Santana, se tornava complicado.

Agradeço a minha filha por compreender o quanto é importante para mim esta graduação, continuação de um ciclo que começou com a minha graduação em Bacharelado em Humanidades em 2017, pela força e incentivo nos momentos difíceis, em que eu dizia que não estava bem para escrever. Foram muitas ausências, mas em todos os momentos me senti encorajada por ela.

Agradeço ao meu esposo Daniel, por me incentivar a prosseguir, dizendo sempre “que acredita em mim, e que eu sou capaz”.

Agradeço às minhas irmãs Elane e Carla, e aos meus irmãos Alex, André e Vinicius, este em especial por ler e fazer algumas correções, pois cursa Licenciatura em Letras.

Agradeço ao meu orientador Pedro Acosta Leyva pelas orientações, fontes, correções, força e encorajamento, todas as vezes que eu dizia que não estava bem psicologicamente, devido às perdas que tive na pandemia.

Enfim, agradeço a todos os meus colegas e Professores que passaram por minha vida e em especial aos Professores mais recentes que foram os da UNILAB, que de maneira especial

contribuíram colocando uma pedrinha na construção do meu conhecimento acadêmico e me ajudando na descolonização dos meus pensamentos, pois vim de um ensino tradicional.

Figura 1 – Mapa do continente africano



Fonte: <http://www.souzaaranhamachado.com.br>

Figura 2 – Mapa de Moçambique



Fonte: observatoriodafrica.wordpress.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, analisar as representações das mulheres em Moçambique. Por um período temporário que engloba o colonialismo, independência do país e no pós-independência, é uma pesquisa qualitativa, e para este fim foi pesquisado e utilizado trabalhos de diversas autoras africanas e brasileiras (os) que falam sobre esta temática, para fundamentar este trabalho. Com uma ênfase maior para o romance da moçambicana Paulina Chiziane: Niketche: uma história de poligamia, e o artigo, dissertação e livro da historiadora brasileira Jacimara Souza Santana estes intitulados: Mulheres Africanas de Moçambique na Revista Tempo (1975-1985). Falar das mulheres moçambicanas requer um olhar distanciado do ocidente, pois são mulheres múltiplas que se distinguem conforme a influência do colonialismo europeu, religiões (cristianismo e islamismo), culturas e tradições, em suas regiões norte de base matriarcal e sul de Moçambique de base patriarcal.

Palavras-chaves: Representações; Mulheres; Moçambique; Colonialismo; Sociedade;

ABSTRACT

This work aims to analyze the representations of women in Mozambique. For a temporary period that encompasses colonialism, independence of the country and post-independence, it is a qualitative research, and for this purpose, the works of several African and Brazilian authors (those) who talk about this theme were researched and used to support this Work. With a greater emphasis on the novel by Mozambican Paulina Chiziane: *Niketche: a history of polygamy*, and the article, dissertation and book by Brazilian historian Jacimara Souza Santana entitled: *African Women of Mozambique in the Tempo Magazine (1975-1985)*. Talking about Mozambican women requires a distant look from the West, as they are multiple women who are distinguished according to the influence of European colonialism, religions (Christianity and Islam), cultures and traditions in their matriarchal-based northern regions and patriarchal-based southern Mozambique.

Keywords: Representations; Women; Mozambique; Colonialism; Society;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa da África	Pág. 5
Figura 2	Mapa de Moçambique	Pág. 6
Figura 3	Imagem de Josina Machel	Pág. 23
Figura 4	Mulheres Moçambicana comemorando o 7 de abril	Pag. 24
Figura 5	Mulheres guerrilheiras da FRELIMO	Pag. 25
Figura 6	Mãe com peso na cabeça e bebê nas costas	Pag. 33
Figura 7	A mulher pilando	Pag. 35
Figura 8	Mulheres da etnia Macuas	Pag. 38
Figura 9	Arte Mulher Changana calada (Anésia Manjate)	Pag. 44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
NESAM	Núcleo dos Estudantes Secundários Africanas de Moçambique
UDENAMO	União Democrática Nacional de Moçambique
MANU	Mozambique African National Union
UNAMI	União Africana de Moçambique Independente
RENAMO	Resistência Nacional Moçambicana
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Força e obstinação das mulheres moçambicanas na luta pela independência.....	14
2. Como as mulheres estão sendo representadas na sociedade moçambicana.....	29
3. Considerações Finais.....	46
4. Referências Bibliográficas.....	48

Introdução

“Contar uma história significa
levar as mentes ao voo da imaginação
e trazê-las de volta ao mundo da reflexão”
Paulina Chiziane.

Este trabalho objetiva analisar as representações das mulheres em Moçambique, fazendo uma abordagem sobre as múltiplas mulheres moçambicanas. Para atingir este propósito foram feitas leituras e análises de artigos, livros, romance, dissertações, filme e entrevistas de autoras africanas e brasileiras (os) que escreveram sobre as mulheres africanas e moçambicanas, para a abordagem das diversidades dessas mulheres em Moçambique, foi utilizado em maior número informações contidas nos trabalhos da moçambicana Paulina Chiziane¹ e da brasileira Jacimara Souza Santana², pois suas obras demonstram maior riqueza de detalhes e informações sobre as diversas mulheres existentes neste país, diante disso, coube investigar qual o papel dessas mulheres, e como estão sendo representadas na sociedade moçambicana? por um período determinado que engloba colonialismo, independência e pós-independência. Este trabalho mesmo sendo continuação de uma dissertação feita em meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) de graduação em Bacharelado em Humanidades, não finda aqui, pois cabe uma investigação maior, ao qual o momento pandêmico não proporcionou fazer.

Por estudar sobre o continente africano e perceber que muitas histórias dessas mulheres vêm sendo invisibilizadas, assim como sua participação e protagonismo negada em diversos contextos da história, mesmo percebendo que houve um aumento no número de pesquisas em relação a esta temática na área acadêmica em algumas universidades privadas e públicas a partir da implantação da lei 10.639/2003 alterada para a 11.645/2008, quanto a isto a UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), em São Francisco do Conde/Ba, é pioneira e referência nos estudos da História da África e dos africanos, pois tem seu currículo voltado para esta temática, mas ainda assim as pesquisas não se esgotaram, há muito o que escrever sobre Moçambique e em especial sobre as mulheres moçambicanas, como comentou Paulina Chiziane “Moçambique é um país ainda por escrever, há muita coisa por escrever, para mim existe um esboço”, principalmente sobre a história dessas mulheres, suas tradições, culturas, costumes, arte, política, religião, senti falta de muitos destes trabalhos que “serão escritos”, nesta pesquisa para me servir de base, mesmo com algumas limitações devido

¹ Paulina Chiziane foi a primeira escritora moçambicana, mas define-se como contadora de história, autora de diversas obras, neste trabalho utilizei seu romance Niketche: uma história de poligamia.

² Jacimara Souza Santana, escritora e historiadora brasileira, doutora em História Social da África pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), autora de diversas obras, neste trabalho utilizei sua dissertação de mestrado, dois livros e um artigo.

ao momento em que foi escrito, mas por querer conhecer mais sobre essas mulheres, resolvi que este seria meu tema de pesquisa, mulheres com histórias diversas, onde demonstram sua resistência, força, que lutam pelo direito de existir, desde o período colonial, na independência do seu país e no pós-independência.

Um conceito de representação quem nos dar é Hall para ele:

“Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (HALL, 2016, p. 31).

Para Hall (2016), nesse conceito representação está imbricado no ato de rerepresentar algo ao mundo através da linguagem e imagens, e é nisso que este trabalho está ancorado.

As imagens neste trabalho foram colocadas para fins meramente ilustrativo, não condiz com a realidade dos fatos, mas sim, com a função de aproximar o leitor dos fatos narrados.

E para nortear este trabalho, alguns objetivos específicos foram traçados, como: Compreender como são construídas as relações sociais na sociedade de Moçambique; Descrever as condições das mulheres moçambicanas no período do colonialismo, Independência e no pós-independência; Reconhecer a importância e participação das mulheres moçambicanas na guerra de Independência do seu país; Investigar as relações de poder, cultura e tradição existentes nesta sociedade.

Neste sentido, Chiziane (2004, p.93) comenta, “os homens é que defendem a terra e a cultura. As mulheres apenas preservam. No passado os homens deixaram-se vencer pelos invasores que impuseram culturas, religiões e sistemas a seu bel prazer. Agora querem obrigar as mulheres a retificar suas fraquezas”.

Durante o período de colonização seus povos eram submetidos aos mais diversos maus tratos e opressão, principalmente as mulheres que não tinham espaço nesta sociedade, mas na guerra de Independência de seu país tiveram importante papel e atuaram de maneira ativa, pois lutaram como guerrilheiras junto aos homens, sua emancipação foi pensada pela Frelimo devido ao seu bom desempenho na guerra.

Para Santana (2014), a atuação destas mulheres no processo revolucionário, ocorre antes dos movimentos contra o colonialismo.

Neste trabalho, como metodologia, foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e exploratória, utilizando fontes secundárias, e dentre estas fontes secundárias o romance de Paulina Chiziane Niketche: uma história de poligamia e a dissertação, livro e artigo de Jacimara Souza Santana, se tornaram fontes principais devido à importância para desenvolver este trabalho. Senti dificuldade em me aprofundar em alguns temas desta pesquisa, primeiramente pelo momento que estamos vivenciando (pandêmico, que limita nossa locomoção), e o segundo

em consequência deste, por não obter fontes variadas e por não encontrar disponibilizada em nenhum meio de pesquisa na internet. É uma pesquisa qualitativa traduzida em conceitos e ideias.

Este trabalho é composto por dois capítulos intitulados:

Capítulo 1, Força e obstinação das mulheres moçambicanas na luta pela independência, neste capítulo foi iniciado com uma síntese sobre as relações sociais para compreendermos como foram construídas essas relações de poder, entre o feminino/masculino, depois exposto a trajetória destas mulheres desde o colonialismo, a guerra de Independência do seu país e o pós-independência, verificando se esta emancipação pensada pela Frelimo foi de fato alcançada.

No capítulo 2, Como as mulheres estão sendo representadas na sociedade moçambicana, foi apresentada as múltiplas mulheres existente neste país, as da região norte de base matrilinear e as do sul as de base patrilinear. E para isto utilizei em maior número o romance da moçambicana Paulina Chiziane Niketche: Uma história de poligamia, para perceber como estas mulheres estão sendo representadas.

Capítulo 1

Força e obstinação das mulheres moçambicanas na luta pela independência

Neste capítulo foi analisado como se deu essas relações sociais na África, que estabelece diferenças e poder. No ocidente essas distinções foram construídas com o colonialismo que estabelecem o que é próprio do gênero feminino e do masculino, e permanecem ditando regras de comportamentos causando desigualdades até os dias de hoje, para algumas pesquisadoras feministas africanas e brasileiras acreditam que essa construção dicotômica é que criam inferiorização e opressões as mulheres, e em maior escala ainda em relação as mulheres negras, pois além de sofrerem por conta do gênero feminino ou seja por serem mulheres, acrescida a isto tem a questão racial.

Em África por haver diversas organizações sociais, e em Moçambique mulheres que variam de acordo a região, portanto analisar como estas sociedades estão estabelecidas e qual o papel destas mulheres é uma das finalidades deste trabalho.

Logo após será exposto como foi a participação das mulheres moçambicanas na luta pela independência do seu país, e para falar sobre estas mulheres, faço uso para me servir de base das obras (artigo, dissertação e o livro) estes intitulado: Mulheres Africanas de Moçambique na Revista Tempo (1975-1985), da historiadora Jacimara Souza Santana, que analisou os discursos das mulheres contido na Revista Tempo por um período de dez anos, no pós-independência.

Casimiro e Andrade citaram em seu artigo intitulado “A identidade do feminismo crítico em Moçambique, situando a nossa experiência como mulheres acadêmicas e Activistas”, do ano de 2007 que, no final dos anos 80 em Moçambique na UEM (Universidade Eduardo Mondlane) deu-se início aos estudos sobre a mulher, sobre um prisma feminista e de gênero, que muito contribuiu pois além de colocar as mulheres neste espaço, e em cursos de predominância masculina, suas pautas foram abordadas promovendo alteração nos currículos devido a este movimento e organização destas mulheres, o que refletiu fora deste espaço, com reformulação de leis de amparo para estas mulheres.

Para Casimiro e Andrade (2007), a categoria de gênero ainda é um questionamento sem respostas no que tange, explicar a subordinação das mulheres.

Sobre categoria de gênero Casimiro e Andrade (2007), comentam que há feministas que discordam com o uso deste termo, outras que utilizam mas cercada de cuidado, e outras que

continuam com dúvida a respeito, e aquelas que buscam outros conceitos para explicar essa relação de poder existente entre homens e mulheres. Para elas:

Como conceito Género implica uma série de dimensões de Poder expressas simbolicamente na linguagem dos corpos, na representação do masculino e feminino, como elemento constitutivo de identidades e subjetividades, na articulação micro/macro e nas práticas. Também revela como a dominação masculina está inscrita na palavra, nas coisas e nos objetos, nos espaços, nas estruturas mentais, na forma que percebemos os outros e está inscrita na forma de usar o próprio corpo, base para a subordinação da mulher (CASIMIRO E ANDRADE, 2007, p.3).

“Muitos se têm interrogado sobre a validade ou não desta categoria, se não se está mais uma vez perante uma categoria importada e assimilada por imperativos de ajuda ao desenvolvimento, de conteúdos alheios à nossa realidade Africana [...]” (CASIMIRO e ANDRADE, 2007, p. 3).

Como categoria de gênero é um tema polêmico e vasto, e não é este o objetivo deste trabalho, e sim compreender como foram construídas essas relações de poder existente entre mulheres e homens que ocorrem não só no ocidente mas também em África.

O que para a socióloga nigeriana Oyeronké Oyêwùmí (2004), gênero é uma construção sociocultural, portanto a categoria mulher desigualdade de gênero é alienígena em África.

Pesquisadoras feministas usam gênero como modelo explicativo para compreender a subordinação e a opressão das mulheres em todo o mundo. De uma só vez, elas assumem tanto a categoria “mulher” e sua subordinação como universais. Mas gênero é antes de tudo uma construção sociocultural (OYÊWÛMÍ, 2004, p. 2).

Oyêwùmí (2004), apresenta a família Iorubá tradicional do Sudoeste da Nigéria, uma família não generificada, com um tipo diferente de organização familiar.

A Socióloga nigeriana Oyeronké Oyêwùmí (2004), adota em seus discursos uma crítica pós-colonial da tradição ocidental e do feminismo, afirmando que o gênero não era o princípio organizador da sociedade Iorubá, antes da colonização europeia. Assim as categorias “gênero”, “mulher” desigualdade de gênero tornam-se inúteis como conceitos analíticos para a realidade africana. Olhar a família não pela perspectiva nuclear, tendo o homem como núcleo da sociedade, por que isso é do ocidente, mas sim para uma perspectiva de senioridade (ou seja pelos mais velhos), homens ou mulheres podem assumir posições de poder na sociedade e na família em razão da sua idade.

Em África há pesquisadoras que defendem o feminismo como, Chimamanda Ngozi Adichie, dentre outras e pesquisadoras que dizem que este termo não cabe em África porque é

do ocidente e vai contra a realidade africana, elas se intitulam defensora do feminino alguns nomes como, Ife Amadiúme, Oyêronké Oyêwùmí, e Paulina Chiziane que foram utilizados neste trabalho.

Paulina Chiziane em entrevista “A Páginas Tantas” em 2 de junho de 2013, comentou em relação a ser feminista “uma coisa é ser feminina, outra coisa é ser feminista, [...] eu sou feminina, sou uma mulher! E quando escrevo, escrevo a condição da mulher sim, mas não no feminismo tradicional europeu, nada disso eu conto história de mulher, porque sou mulher é a única coisa que eu sei”.

O que para a nigeriana, escritora e feminista, Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro “Sejamos Todos Feminista” relata:

“Mais tarde, uma professora universitária nigeriana veio me dizer que o feminismo não fazia parte da nossa cultura, que era antiafricano e que, se eu me considerava feminista, era porque havia me corrompido pelos livros ocidentais [...] de qualquer forma, já que o feminismo era antiafricano, resolvi me considerar “feminista, feliz e africana” (ADICHIE, 2015, p. 13-14).

Oyêwùmí em seu artigo, “conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas”, ano 2004, relata que um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento:

A Europa é representada como fonte de conhecimento, e os europeus, como conhecedores: Na verdade, o privilégio de gênero masculino como uma parte essencial do ethos europeu está consagrado na cultura da modernidade. Este contexto global para a produção de conhecimento deve ser levado em conta em nossa busca para compreender as realidades africanas e de fato a condição humana (OYÊWÙMÌ, 2004 p.1).

Segundo Dove (1998, p. 6) “o pensamento cultural europeu, no entanto, negou a relação entre a África e a Europa, e forjou uma crença de que o mundo moderno não tem base em conhecimento remoto”.

Para Dove (1998), a teoria dos dois berços de Diop do desenvolvimento da humanidade, se estrutura a partir de dois complexos educacionais antagônico, de um lado o berço meridional marcado pelo matriarcado a África, do outro o berço setentrional marcado pelo patriarcado a Europa.

“[...] Está claro que as experiências das mulheres euro-americanas e o desejo por transformação forneceram as bases para as perguntas, conceitos, teorias e preocupações que produziram as pesquisas de gênero” (OYÊWÙMÌ, 2004, p. 2).

Oyêwùmí (2004), comenta que a obra da antropóloga social Ifi Amadiume que escreve sobre filhas do sexo masculino, maridos fêmeas e a instituição do casamento de mulheres na sociedade Igbo, ao qual ela pertence, Ifi Amadiume apresenta este outro modelo de organização social. E menciona que essas concepções confundem a mente ocidental, e portanto não deveriam ser aprisionadas pela moldura interpretativa feminista.

“Amadiume sugere que é necessária uma ‘análise estrutural do simbolismo metafórico de matrilinearidade (conexão biológica entre gerações ou maternidade) e da construção ideológica matriarcal gerada por este simbolismo’” Amadiume (2005, p. 95, apud ADESINA, 2012, p. 204).

Conforme Adesina (2012), e como foi difícil para o europeu aceitar a invisibilidade ou distância do homem africano, o que para Diop, sendo africano, não teve nenhuma dificuldade em comentar sobre o sistema matriarcal. Isto demonstra o quanto os europeus recusavam esta estrutura de sociedade na África. Mais a matrifocalidade nos estudos de gênero em África, tem um valor heurístico que vai para além da forma como teorizamos gênero.

Oyêwùmí (2004), apresenta o romance de Tsiti Dangarembga, *Nervours Conditions* que apresenta outra organização familiar da sociedade Shona, no qual tia Tete mesmo sendo mulher por ter status patriarcal suas tarefas não são as mesmas que as mulheres da família executam:

Escrevendo em um contexto Shona, discute os privilégios do que ela chama de “status patriarcal” da Tia Tete, uma personagem da história “agora, este tipo de trabalho era trabalho de mulheres e das treze mulheres lá, minha mãe e Lúcia eram um pouco incapacitados, - com Tete tendo status patriarcal, não se esperava que fizesse muita coisa”. Compreendemos que Tia Tete é uma mulher, mas tem “status patriarcal” que a isenta do trabalho de mulher. Emerge então a questão de como categoria “mulher” é constituída na sociedade Shona. Quem então, é a mulher que faz o trabalho das mulheres? O que significa tudo isso dentro da organização social da sociedade? (OYÊWÙMÍ, 2004, p. 8).

São muitas questionamentos que só analisando as ideias destas autoras através das suas obras para tentar compreender (infelizmente não tive acesso a elas), como Oyêwùmí (2004), comenta sendo gênero uma construção sociocultural, em África há diversos modelos de sociedade, como as que foram citadas acima, e destas nenhuma é genericada.

Como podemos perceber, muitas pesquisadoras relatam que as desigualdades existente entre mulheres e homens, foram construções do colonialismo europeu, e a partir daí criou-se relações de poder, pois o feminino é tido como frágil, que só se estabelece à sombra de um homem, com baixo intelecto, pois as tarefas domésticas foram atribuídas a elas, no casamento

sua principal função é a reprodução, já o masculino é tido como forte, viril, com intelecto, provedor da família trabalha externo, o trabalho doméstico não é associado a ele, isto porque ainda não incluímos a questão racial, que cria obstáculos ainda maiores para as mulheres negras na sociedade.

Segundo Casimiro e Andrade (2007), o CEO (Centro de Estudos Africanos) passou a realizar pesquisas através das oficinas de História, sobre a participação das mulheres moçambicanas na luta de libertação do seu país, colocando a mulher no centro de estudo.

“Moçambique é um país localizado na região Austral da África. Situa-se especificamente entre a Tanzânia e África do Sul. Faz fronteira ao oeste com Malauí, Zimbaue e Zâmbia: e ao leste sua costa é banhada pelo Oceano Índico” (SANTANA, 2014, p.21).

Segundo Santana (2014), sua expansão territorial é cortada pelo Zambeze, um dos grandes rios africanos. Sua população é marcada pela sua diversidade cultural. Para Eduardo Homem e Sônia Correia:

O território moçambicano compreende onze grupos de povos, dos quais derivam trinta e duas línguas. Como exemplo dessa variedade, pode-se encontrar habitantes Macuas, na região norte; e ao sul Tsongas. [...] Além destas variações de povos e culturas entre os nativos, Moçambique é um país marcado pela influência cultural dos árabes “cujo intercâmbio com os africanos originou a cultura Suaíle”, assim como pela dos indianos e portugueses, estes últimos responsáveis pela colonização do país desde fins do século XIX Homem e Correia (1977, apud SANTANA, 2014, p.21).

Moçambique sob o regime de dominação colonial seus povos eram expostos a condições sub-humana, por isso não só Moçambique, como outros países da África, utilizaram a guerra como meio de conquistar suas independências. Foram dez anos de guerra, outros chamam de luta armada, ao qual teve grande contribuição e participação das mulheres, pois estas não suportavam mais a opressão dos colonizadores e lutaram junto a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), para a independência do seu país, por isso sua emancipação foi pensada pela FRELIMO. Conforme enfatiza Santana:

Em Moçambique, como em outras partes da África, o jugo imposto às populações africanas por intermédio da colonização europeia atuou como uma das causas primordiais para o desencadeamento dos movimentos de descolonização e independência. O domínio colonial, enraizado em conceitos de inferioridade racial sob forma de missão civilizadora para a África, impondo condições de vida degradantes às populações africanas. Em terras Moçambicanas, a administração colonial introduziu a prática do trabalho assalariado como um dever, passando a ser obrigatório, quando não havia apresentação voluntária, o chamado chibalo. Legalmente, o trabalho assalariado obrigatório era aplicado aos homens. Por este motivo, muitos

parentes masculinos se ausentavam por longos períodos de suas famílias, como é o caso daqueles que buscaram o trabalho nas minas da África do Sul. Apesar de a lei colonialista do trabalho ter sido direcionada aos homens, as mulheres também eram recrutadas para as roças particulares ou do Estado colonial, para abertura de estradas e para trabalhos domésticos, como forma de pagamentos das dívidas de seus parentes masculinos (SANTANA, 2006, p.26).

“Esta era a justificativa apresentada pela administração para este irregular recrutamento de mão-de obra, embora muitas vezes a acusação de dívidas fosse um caso mais de conveniência do que situações reais” (SANTANA, 2006, p. 26-27),

Por isso era comum na região a presença de crianças, mulheres e velhos, tomando a responsabilidade da casa e da educação das crianças, que como Chiziane falou em entrevista “A páginas tantas” (2013):

“Eu sou do sul de Moçambique da região de Gaza, uma região patriarcal por excelência, os homens partem para trabalhar na África do Sul desde muito cedo e só regressam à casa de vez em quando, ora quem toma conta, socializa as crianças e educa são as mulheres, mas a educação que essas mulheres dão, é uma educação masculina, é interessante portanto, a nível do país eu venho de uma sociedade mais machista do país, e quem nos educa para o machismo são as mulheres, por isso diante deste espanto, questiono em meus livros por que, ser mulher e ser machista, assim como há homens que se tornam feminista”.

Conforme Santana (2014, p. 19), para a Frelimo “isso incluía a implementação de medidas políticas que visassem a superação das diversas formas de opressão e desigualdades existente na sociedade”, e para isto pensou em incluir em sua proposta política a emancipação das mulheres, isto devido a significativa atuação que elas tiveram durante o período da luta armada, não se tratava de uma concessão do novo governo, mas sim de uma conquista.

Para Santana, a Frelimo que julgava algumas práticas culturais obstáculos para o desenvolvimento, e tinha as mulheres como as principais difusoras identificando “como as mais necessitadas de uma formação alicerçada nos ideais revolucionários para converter seus valores, pensamentos e comportamento social, sobretudo porque a elas estava reservada a função de educadoras das novas gerações” (SANTANA, 2006, p. 62).

Para Anfred³, esse modelo de modernização da Frelimo não tinha como conciliar com o poder das mulheres, principalmente as Macuas da região norte. “A nova ordem social, [...] deveria ser uma ordem na qual o poder masculino pareceria efetivamente representar a

³ Osmundo Pinho (2012), fez uma resenha com três páginas de 970-972, sobre o livro Descolonizando o feminismo em Moçambique de Signe Arnfred.

modernidade e o progresso, enquanto formas não ocidentais e não patrilineares pareceriam representar o atraso” (PINHO, 2012, p.971).

Conforme Anrfred, ressalta Pinho (2012, p. 971) “demonstra isso amplamente, é que o processo de modernização pode provocar tanta ou maior exclusão que padrões vistos como tradicionais”.

“Por fim, papel da sexualidade, do desejo e, porque não dizer, da licenciosidade, tal qual a autora pôde flagrar e experimentar em meio às mulheres Makhua e seus ritos de iniciação e técnicas corporais [...]” (PINHO, 2012, p. 972).

Santana (2006), cita algumas iniciativas da resistência à colonização, como iniciativas de mulheres no âmbito rural, com importância relevância como a Greve de Buzi, realizada em 1947 que:

Tratou-se de um movimento grevista que incluiu a participação de 7.000 mulheres que se recusaram ao cultivo do algodão, queimaram as sementes e participaram em outras ações contra as concessionárias algodoeiras, obtendo a isenção deste trabalho para mulheres grávidas e mães com crianças até 4 anos de idade. Outra iniciativa de fundamental importância foi à atuação das mulheres na propaganda de desprestígio do governo colonial perante a população e a divulgação de notícias do nascente movimento nacionalista, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) Isaacman e Stefhán (1984, apud SANTANA, 2006, p. 27).

Conforme Santana (2006), as mulheres se mobilizavam em vários atos de resistência contra as opressões sofridas com o colonialismo, como podemos notar nestes movimentos realizados pelas mulheres das zona rural e urbana de Moçambique. Como comenta Santana:

Antes mesmo do início da luta armada, camponesas cumpriram um papel estratégico na propaganda anticolonialista e essa experiência também vivenciada por mulheres das zonas urbanas, estudantes das cidades de Maputo e Xai-Xai que atuavam no Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM) de onde saíram lideranças que compuseram os primeiros quadros da Frelimo Isaacman e Stefhán (1984, apud SANTANA, 2014, p. 42).

Para Santana (2006), A NESAM teve um papel importante pois despertou em algumas mulheres moçambicanas o desejo de participar da luta pela independência de outras formas não só distribuindo panfletos, como ocorreu com Josina Machel que se integrou no ano de 1965 a Frelimo.

Josina Machel por seu bom desempenho nesta organização ocupou lugar de destaque, assumindo cargo de chefia no “Departamento das Relações Exteriores e Assuntos Sociais, prestando assistência, em especial, as causas das mulheres integrantes da Frente de Libertação

ou não, tendo sido como uma de suas iniciativas, a criação de orfanatos para cuidar dos filhos das combatentes” (SANTANA, 2006, p. 30).

Em decorrência de sua postura política foi indicada para participar do IIº Congresso da Frelimo na condição de delegada, algo de importância singular porque este Congresso abrigou uma das maiores crises da história da Frente, no qual foram rediscutidas e definidas as diretrizes políticas do movimento e da luta de libertação nacional, inclusive o papel das mulheres na revolução. Josina Machel ainda ofereceu contribuições importantes através da sua participação na IIª Conferência do Departamento de Defesa, “durante a qual expôs os obstáculos que se interpunham à integração cabal da mulher na revolução”, apresentando estratégias para a sua participação e emancipação (SANTANA, 2006, p.30-31).

Segundo Santana (2006), Josina Machel por se posicionar politicamente foi convidada a participar de Congressos e Conferências, e nestes espaços foi uma figura importante para as mulheres moçambicanas, porque reivindicava pautas referentes a elas de modo que proporcionasse a sua real libertação.

Conforme Santana (2006, p. 28), Eduardo Mondlane em entrevista feita em 1968 e publicada na Revista Tempo em 1984, comenta “que a Frelimo foi se definindo como marxista e socialista no decorrer da luta armada”.

A frente foi fundada em 25 de junho de 1962, e surgiu do resultado da “fusão” de outros três grupos nacionalistas, organizados em países vizinhos a Moçambique a UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique) formada em 1960, em Salisbry, capital da então Rodésia e atual Zimbábwe; a MANU (Mozambique African National Union) fundada em Tangnica que fica na atual Tanzânia em 1961 e a UNAMI (União Africana de Moçambique Independente) fundada em Niassalândia, atual Malauí em 1961 (SANTANA, 2006, p. 27-28).

Para Santana (2006), esses grupos mesmo tendo interesses comuns, como o anti-colonialismo e a conquista da independência, mas como existiam entre eles diversas correntes políticas, ocasionava algumas contradições dentro desse novo grupo nacionalista.

“O assassinato de Eduardo Chivambo Mondlane, o primeiro presidente desta organização, em 3 de fevereiro de 1969 foi interpretado pela Frelimo como um reflexo de suas contradições internas” (SANTANA, 2006, p. 28).

“Samora Machel foi o presidente eleito em 1970 após a morte de Mondlane para a direção da Frelimo e do país independente” (SANTANA, 2006, p.29).

Neste contexto comenta Santana:

Com a Independência em 1975, a Frelimo proclamou a República Popular de Moçambique, assumindo seu governo pelo regime de partido único. Para

Samora Machel o socialismo deveria ser construído pelos povos africanos, e adaptado à realidade local, apesar desta preocupação, esse modelo de desenvolvimento pensado, proposto e imposto pela Frelimo, mostrou-se incompatível com algumas práticas culturais exercidas pela população, o que gerou intensos conflitos entre a população e responsáveis do governo, que sobre vigilância interpretava certas atitudes como transgressão a ética socialista, submetendo as pessoas ao risco de serem consideradas Xiconhocas ou seja, inimigos da revolução (SANTANA, 2006, p.29-30).

Para Santana (2006), esta ação da Frelimo gerou descontentamentos, por parte daqueles que queriam manter algumas práticas culturais, principalmente as mulheres mais velhas, pois muitas práticas culturais são executadas por elas, e são carregadas de mitos e crenças de maldições, caso não sejam realizadas.

Para Samora Machel em um dos seus discursos, cabiam aos homens a mudança de pensamentos e comportamento, mas a emancipação das mulheres se dariam sobretudo, “da iniciativa da mulher que deveria se conscientizar de suas capacidades e superar o espírito de inferioridade submissão e passividade que lhes tinha sido inculcado pela tradição e colonialismo” Machel (1979, apud SANTANA, 2006 p. 46- 47).

A Frelimo acreditava que essas práticas culturais eram responsáveis pelo atraso na vida das mulheres moçambicanas. “É neste contexto que Frelimo, e por consequência a OMM, adotaram uma política de combate ao tribalismo, ao regionalismo, aos modos de organização social e de produção tradicionais” (SANTANA, 2014, p. 94-95).

Figura 3 – Josina Machel



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/>

Josina Machel por sua atuação na Frelimo, e contribuição para outras mulheres participarem da luta pela independência do seu país, teve o dia de sua morte dedicado as mulheres moçambicanas.

Josina Machel morreu em sete de abril de 1971 durante a Luta Armada e se tornou um exemplo memorável na História de Moçambique. Sua importante contribuição durante a guerra foi reconhecida por outras guerrilheiras, foram delas a iniciativa de solicitar ao Comitê Central da Frente que o dia da morte desta destacável líder se tornasse uma data histórica na vida do país. Em resposta a esta solicitação, a Frente decidiu eleger em sua 5ª sessão realizada em dezembro de 1972, o 7 de abril como dia nacional das mulheres moçambicanas (SANTANA, 2006, p, 31).

Neste dia que é feriado nacional as mulheres saem as ruas com as suas capulanas, que é um tecido estampado conforme a região, utilizado como acessório na cabeça, nas costas para atar os filhos, como saias, é carregado de simbolismo, conforme o lugar que ele está sendo usado e amarrado.

Figura 4: Dia da Mulher Moçambicana



Fonte: lupaaneews.com

Conforme Santana (2016), Josina Machel não foi a única mulher a combater durante a guerra de libertação do seu país e nem foi esta a única forma de contribuição destas mulheres, seja durante a luta pela libertação ou no pós independência. Foram das mulheres a ideia de constitui um exército de mulheres:

Segundo Isabel Casimiro, desde 1965, um grupo de mulheres camponesas havia solicitado treino militar à Frelimo com o intuito de defender as populações que estavam sob sua responsabilidade, tornando-se o primeiro Destacamento Feminino, apesar dos documentos e notícias mencionarem a sua criação apenas no ano de 1966, em uma reunião do Comitê Central Casimiro (2004, apud SANTANA, 2014, p.43).

Para Santana (2014), esta atitude destas mulheres demonstram que a princípio não houve uma fundamentação em uma formação política, mas na necessidade de uma causa coletiva para o seu bem e de suas famílias.

“A luta armada teve início em 1964, mas foi em outubro de 1966 que o Comitê Central da Frelimo passou a admitir mulheres em seu exército” (SANTANA, 2014, p. 44).

A partir das declarações de algumas guerrilheiras, percebemos que para as mulheres assumirem a condição de guerrilheiras tiveram que conquistar este espaço, através de treinamento provaram que eram capazes. Conforme uma integrante da primeira turma de treinamento Mônica Chitupila, a Frelimo ainda não havia definido de que maneira as mulheres atuariam na revolução isto em 1965, sendo assim para Santana:

Fazíamos o trabalho de mobilização do povo, de produção agrícola para alimentar os combatentes. O nosso trabalho era importante porque havia pessoas que estavam convencidas de que a guerra seria de curta duração e então desesperavam. Tínhamos de encorajá-las. Íamos fazendo estas tarefas, mas só depois do treino político em Nachingwea, a nossa ação se mostrou mais vigorosa. Em 1967 fiz parte do primeiro grupo que partiu do Niassa para treinar em Nachingwea juntamente com as mulheres de Cabo Delgado... cerca de 40 mulheres começaram os trabalhos na base (SANTANA, 2006, p.33).

Esta declaração de Chitupila, remeteu-me a algumas cenas do filme “Virgem Margarida” (2012), de Lucínio de Azevedo, no qual demonstra a maneira de como algumas mulheres por estarem se prostituindo eram recrutadas à noite em um caminhão, por ordem da Frelimo, como maneira de acabar com esta prática, são todas levadas contra as suas vontades e sem se despedir de seus familiares, para um acampamento militar de treinamento coordenado por homens e mulheres, o filme demonstra o tratamento dado a estas mulheres, inclusive a virgem Margarida.

Figura 5: Mulheres guerrilheiras da FRELIMO



Fonte: <https://www.conexaolusofona.org/mocambique>

Para Santana (2006), após verem o desempenho das mulheres nos treinos, a Frelimo oficializou o Destacamento Feminino.

Para Josina Machel, apesar das guerrilheiras cumprirem um eficiente papel no campo militar sua maior contribuição se fez no campo político através da mobilização política junto à população e de modo especial, as mulheres, visando despertar uma “compreensão política de guerra” e a vontade de se aliar ao movimento nos combates (SANTANA, 2006, p 33).

Conforme Santana (2006), esta ação desencadeou no Destacamento feminino um crescimento significativo, muitas mulheres contribuíram com a Revolução de outras maneiras, mesmo aquelas que não se inseriram no Destacamento Feminino, transportavam material, produziam alimentos para os combatentes, adquirindo informações, professoras, cuidando dos feridos como enfermeira.

Nesse sentido Santana expõe uma situação chocante que ocorreu com uma das mulheres transportadora de armamento:

Neste sentido, um caso memorável da participação feminina na guerra de libertação foi o de uma das mulheres carregadora de equipamentos que mesmo depois de ter constatado que seu filho atado ao seu corpo havia falecido, em decorrência de ter sido atingido por uma explosão durante o percurso, ela não deixou de prosseguir o seu caminho, cumprindo a missão de entregar o armamento que carregava a Frelimo (SANTANA, 2006, p. 33).

Este episódio apesar de chocante, demonstra a força e obstinação das mulheres na guerra para se libertarem do colonialismo. E como “as mulheres se tornaram necessárias à política da organização da Frelimo” (SANTANA, 2006, p. 33).

Relata Santana (2006, p. 34), que uma combatente Maconde “moradora de Namaua, do distrito de Mueda em Cabo Delgado e pertencente a uma família de sete irmãos”, que não revelou seu nome, em depoimento na revista voz da Revolução (1979), e expressa que não foi fácil para as mulheres se garantirem neste espaço:

Quando nós mulheres começamos a trabalhar, houve forte oposição à nossa participação porque isso era contrário à nossa tradição. Iniciamos então uma grande campanha, explicando por que razão nós também devíamos combater, que a guerra desencadeada pela FRELIMO era uma luta popular, na qual todo o povo devia participar que nós mulheres éramos mesmo mais oprimidas que os homens que tínhamos os mesmos direitos e a mesma determinação de combater. Insistimos pra que nos fosse dado treino militar e armas (SANTANA, 2006, p. 34).

Segundo Santana (2006), a combatente ainda se referiu em seu depoimento, algumas experiências de violência que as mulheres eram submetidas durante a colonização, elas eram

violentadas na frente de seu maridos, e se reagissem eram castigados severamente, os colonizadores acreditavam que era uma honra para as mulheres negras serem desejadas por eles.

[...] Opressão das mulheres aumentou durante o período colonial, não somente pelo fato de trabalharem mais e durante mais tempo ou sofrerem exploração sexual, mas devido aos incentivos da legislação colonial e princípios do cristianismo que reforçaram a inferioridade da mulher já aceita na sociedade Isaacman e Stefhan (1984, p. 21, SANTANA, 2006, p. 34).

As mulheres participaram da luta armada por iniciativa delas, e sua permanência nos combates dependia de sua boa atuação, a colonização foi mais cruel para as mulheres pois além de serem exploradas no trabalho, eram estupradas, o cristianismo com seu processo de conversão e seus ensinamentos colocavam a mulher em posição de submissão em relação aos homens, agravando mais ainda a situação destas mulheres, não nos surpreende a sua gana para se livrarem deste sistema de opressão.

Conforme Casimiro (2004, apud SANTANA, 2006, p. 36) “a Frelimo foi o primeiro movimento socialista a incorporar a emancipação da mulher à luta de libertação nacional”. Assim sendo:

Sob influência do discurso socialista mulheres se tornaram combatentes na Europa, Ásia, África e América Latina se envolvendo em processos de luta político-militares de seus países como nos casos de China, Timor Leste, Rússia, Albânia, Moçambique, Angola, Zimbábue, Argélia, Nicarágua, Cuba e San Salvador entre outros (SANTANA, 2006, p. 36).

Segundo Santana (2006), houve uma chamada de atenção ao Comitê Central da Frente em relação aos membros masculinos da Frelimo, que não incluíam as mulheres nas discussões e problemáticas relacionados a revolução, as limitando à execução de tarefas, que encorajou os membros desta organização a incluir as mulheres em todos os níveis.

A emancipação das mulheres moçambicanas foi pensada pela Frelimo, mas após a luta armada onde homens e mulheres combateram, essa emancipação não foi alcançada mesmo com a promessa de um governo mais democrático em relação aos que existiam em outros países e que por vez despertaram a atenção das mulheres “devido ao contexto em que eclodiu o movimento revolucionário, posterior ao surgimento de uma onda de organizações femininas em que todo o mundo (anos 60) somado à disposição crítica de seus líderes a ortodoxia do marxismo” Molineux (1984, apud SANTANA, 2006, p. 38).

O que gerou diversas reflexões, uma delas por parte de Andréa Nye (1995, apud SANTANA, 2006, p. 38-39), “a condição das mulheres no socialismo foi marcada por

retrocessos. Para ela, a teoria socialista incluiu de forma superficial a libertação das mulheres e isto se refletiu no pensamento de seus seguidores”.

[...] E na sua conclusão, a emancipação das mulheres não foi alcançada com o socialismo porque a teoria marxista não servia para analisá-la. Na análise marxista do sistema capitalista, a força de trabalho é trocada por salário em função do tempo de serviço, sendo o trabalho realizado pelas mulheres excluído dessa análise, quer se trate do trabalho desempenhado no ambiente doméstico, empresas ou no mercado ambulante, podendo neste último caso até haver apropriação de algum excedente, mas inexistente produção de valor. Para Nye, o método marxista adotado por algumas intelectuais contribuiu para mostrar o valor do trabalho doméstico, mas apesar disso, consistiu em uma análise inadequada porque segundo os princípios analíticos do marxismo o trabalho doméstico estava fora da esfera de produção Nye (1995, apud SANTANA, 2006, p. 39).

Para Nye (1995), como o trabalho assalariado era só para os homens em Moçambique, as mulheres desempenhavam seus trabalhos tanto em casa, como fora dele na machamba, no mercado, mas não eram reconhecidas pelo marxismo pois eles não reconheciam estes trabalhos como meio de produção.

Conforme Souza (2017), após a independência de Moçambique a partir de 1976, o país passou por uma guerra civil que durou mais de dez anos, entre a organização de cidadãos paramilitar chamado RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), que ocasionou mais de um milhão de mortos e um número ainda maior de refugiados, segundo Souza:

O conflito chegaria ao fim somente em 1992, após inúmeras rodadas de negociações entre os beligerantes, que comprometia a RENAMO a abandonar as armas e se integrar às estruturas militares do Estado, e a FRELIMO a reconhecer os direitos políticos da RENAMO, e fazer cumprir a democracia multipartidária como forma de governo do país (SOUZA, 2017, p.7).

Capítulo 2

Como as mulheres estão sendo representadas na sociedade moçambicana

Este capítulo aborda as representações das mulheres em Moçambique, essas mulheres múltiplas assim como sua representação, e para descrevê-las não encontrei fonte com maior riqueza de detalhes e informação que o romance da moçambicana Paulina Chiziane Niketche: uma história de poligamia, sua 2ª reimpressão ano de 2004.

Sobre o estudo da História e cultura de África e dos africanos por brasileiras (os), que se tornou obrigatória no Brasil a partir das leis 10.639/2003 alterada pela lei 11.645/2008, leis que tornam obrigatória no ensino Fundamental e no Ensino Médio de todas as escolas brasileiras conteúdos relacionados ao estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, Souza diz o seguinte:

Segundo o texto da última lei, justifica-se essa exigência devido a “diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira a partir desses dois grupos étnicos” onde se insere a necessidade do estudo da história e cultura de África e dos africanos. A lei está consciente do fato de que o Brasil, em muitos aspectos, é significativamente formado a partir de constituições sócio históricas retiradas do continente africano por efeito de uma excisão brutal. Mas, se a lei for levada a cabo de modo muito literal, pode parecer que a África só deveria interessar ao Brasil na medida em que aquele imenso continente se integra na formação histórica de nosso país – toda a história de África que abarca o final do século XIX e o borbulhante século XX não deveriam mais despertar questões (SOUZA, 2017, p.2).

Em relação ao centro acadêmico ser em sua maioria de predominância branca, sendo ainda um espaço privilegiado, ressalta Kilomba que: “ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras” (KILOMBA, 2019, p,50).

E neste sentido a UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira), tem um diferencial, pois é uma Universidade no qual seu currículo é direcionado para os estudos da África, africanos e sua diáspora, sendo um espaço onde estas temáticas são abordadas, discutidas e analisadas através de textos, livros, trabalhos acadêmicos, seminários, e diversos projetos de extensão e pesquisa, onde envolve os docentes todos engajados nesta proposta de ensino, discentes, todo corpo acadêmico e o público externo, onde essas vozes de autoras (es) negras (os) são ouvidas e trabalhadas dentro e fora da sala de aula.

O que para Kilomba (2019), este lugar de objeto que em sua maioria sempre nos colocam, não por aceitarmos passivamente, mas porque nesses espaços não somos sentimos representados.

“Tal posição de objetificação que comumente ocupamos, esse lugar da “Outridade” não indica como se acredita, uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso à representação, sofrida pela comunidade negra” (KILOMBA, 2019, p. 51).

“[...] Enfim olhar para Moçambique é também olhar um pouco para trajetória histórica do Brasil face às condicionantes históricas que determinaram os caminhos dos dois países. E a literatura tem muito a contribuir neste sentido” (SOUZA, 2017, p.3).

Chiziane em sua obra literária *Niketche: uma história de poligamia* (2004), cita as diversas mulheres moçambicanas, revela a existência de dois países distintos dentro de um, como são diferentes as mulheres do Norte, e as do Sul, as monogâmicas e as poligâmicas. Como se diferenciam de acordo as influências culturais, étnicos, religiosas e sociais. As mulheres do Sul acham que as do Norte são umas frescas, umas falsas. As do Norte acham que as do Sul são umas frouxas, umas frias.

Sobre o uso da literatura na obra do historiador Santana comenta que:

[...] na abordagem literária de Chiziane, as fronteiras entre a ficção e a realidade são estreitas, o que não significa dizer que suas obras tratam de produções históricas, uma vez que servem como importante subsídio para o estudo da sociedade moçambicana e, sobretudo, porque proporcionam um envolvimento com o contexto da época (SANTANA, 2014, p. 26-27).

Sabendo que a literatura é uma importante fonte para o historiador, *Niketche: uma história de poligamia*, é a obra que dará maior suporte para este capítulo de modo “que possamos apreender questões sinuosas presentes na sociedade moçambicana e que resultam das experiências oriundas das inúmeras culturas tradicionais, bem como da colonização e das iniciativas importantes do pós-independência” (FRANCISCO, 2019, p. 14-15).

“Para que possamos apreender a escrita e obra de Paulina Chiziane, será importante considerarmos que suas bases referenciais também estão alicerçadas na “oralidade” (FRANCISCO, 2019, p.17).

Sobre a oralidade Paulina Chiziane em entrevista ao “Café Filosófico” (2019), destaca:

“Muitas vezes o mundo escrito ou o mundo dito como evoluído, tem um olhar para a oralidade como um lugar menor, e eu digo que não! [...] Para nós em África e acho que para o mundo inteiro, a oralidade é o primeiro lugar, uma criança começa a receber valores que lhe vão socializar a partir da oralidade”.

Niketche é o nome de uma dança tradicional que é feita pelas meninas e meninos em rituais de iniciação sexual no norte de Moçambique, ela significa uma fase de transição da infância para a fase adulta (o).

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar: As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao saboreio niketche. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o niketche é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom. (CHIZIANE, 2004, p. 160-161).

“Nos primeiros anos da independência, o discurso do governo considerava os ritos de iniciação como uma das práticas a ser combatida” Santana (2014, p.95), e para que isto ocorresse a OMM (Organização das Mulheres Moçambicanas) e a Frelimo iniciaram diversas atitudes de repressão como, proibição, prisão e expulsão dos seus praticantes, que eram em sua maioria mulheres mais velhas, pois a Frelimo acreditava que esses ritos subjugavam as mulheres, portanto empecilho para sua emancipação.

Neste romance a escritora moçambicana Paulina Chiziane (2004), nos apresenta Rami uma mulher do sul de Moçambique onde a imposição cultural do colonialismo português ocorreu de maneira mais intensa, e que incorporou práticas trazidas com a colonização, como o casamento na igreja católica e a alfabetização, Rami é casada com Tony comandante de polícia há vinte anos e tem com ele cinco filhos, o romance inicia com o filho caçula de Rami, Betinho atingindo o vidro de um carro, e o seu dono dizendo que queria resolver este problema com o esposo dela, pois não resolvia nada com mulher, Tony já havia dias que não vinha em casa, o que levou a Rami a fazer algumas reflexões sobre si mesma, a sua vida conjugal e alguns tratamentos dados a mulher naquela sociedade.

Este episódio despertou em Rami desconfiança devido as ausências do marido, ela analisa o convívio do casal e resolve que irá trazer Tony de volta para casa, e reconquistá-lo, Rami nos apresenta “Moçambique com todas as discussões e complexidades possíveis dentro dos debates que cabem nas relações de gênero e /ou nas relações afetivas” Francisco (2019, p. 14). Ao se associar as outras mulheres de Tony Julieta, Luísa, Saly e Mauá, Rami nos apresenta as diferenças culturais existentes no país, nos possibilitando compreender as representações destas mulheres em Moçambique.

Para Francisco (2019), Rami mergulha em uma busca de autoconhecimento, e nos permite refletir sobre o ser mulher em Moçambique e para isso recorre após tantas outras tentativas, a uma conselheira amorosa, na esperança de reconquistar o amor de Tony, ela expõe o funcionamento desta sociedade em Moçambique, indagando problemas existentes em seu casamento, Rami estava em um casamento constituído como monogâmico, que com o passar do tempo se tornou uma relação poligâmica, com cinco mulheres e dezessete filhos.

A poligamia é permitida no norte de Moçambique, pois conforme Chiziane (2004), existe uma organização, Tony como é do sul de Moçambique com a influência do catolicismo o casamento se constitui de forma monogâmica, e sobre a poligamia Chiziane expõe suas vantagens:

Praticam uma poligamia tipo ilegal, informal sem cumprir os devidos mandamentos. Um dia dizem não aos costumes, sim ao cristianismo e à lei. No momento seguinte, dizem não onde disseram sim, ou sim onde disseram não. Contradizem-se, mas é fácil de entender A poligamia dá privilégios. Ter mordomia é coisa boa: uma mulher para cozinhar, outra para lavar os pés, uma para passear, outra para passar a noite. Ter reprodutoras de mão-de-obra, para as pastagens e gado, para os campos de cereais, para tudo, sem o menor esforço, pelos simples facto de ter nascido homem. (CHIZIANE, 2004, p. 92).

“Na poligamia verdadeira, não é o homem que impõe os seus desejos de ter mais uma, mais as próprias mulheres sugerem um novo casamento. As mulheres não são violentadas e vivem umas perto da outra. Os casamentos são programados, planeados” (CHIZIANE, 2004, p. 233).

Após esse relato de Chiziane (2004), podemos perceber que os privilégios que a poligamia oferece é para os homens, que são tratados com soberania, tendo as mulheres aos seus pés disputando um pouco de atenção e uma migalha de amor. Segundo Bohn:

A mulher marca presença na família, na agricultura, na igreja, na escola, na política, mas não em pé de igualdade com o homem, pois, muitas vezes, a mulher do interior não sabe ler nem escrever, nem sabe a idade e nem a data de nascimento. Tem uma enxada para trabalhar, umas panelas de barro para cozinhar e umas roupas para cobrir os filhos. Trabalha com a criança suspensa nas costas e amarrada com capulana. (BOHN, 2009, p. 102).

Figura 6: mulher com peso na cabeça e o bebê nas costas



Fonte: <https://mosanblog.wordpress.com/tag/>

Para Bohn (2009), a capulana é um importante acessório para as mulheres moçambicanas, carregado de significados, que conforme a maneira que a mulher coloque em seu corpo insinua algum tipo de mensagem:

A capulana é um pano geralmente colorido que as mulheres moçambicanas usam amarradas em volta da cintura, carregado de muito simbolismo e que passa muitas mensagens sobre o país através da própria textura do material e também dos desenhos. As capulanas também podem passar mensagem de mulher livre para ser conquistada, dependendo da maneira que ela foi amarrada. Cada região tem uma maneira específica de amarrar este acessório. Elas servem para amarrar o bebê as suas mães para facilitar o seu transporte, e assim também ficam com suas mãos livres. Hoje como a calça já é uma peça do vestuário feminino, amarra-se a capulana também por cima e o figurino está pronto para o que elas desejarem (BOHN, 2009, p. 125).

Santana (2014, p. 93), comenta que “o leitor José, da Província de Maputo, escreveu críticas a algumas de suas colegas de escola quanto aos seus modos de se vestirem”:

Saias com rachas, calça jeans e blusas de costa nua” -, maneira que, segundo ele, exibia “indiferença com o discurso do Presidente Samora Machel que tinha orientado aos alunos a vestirem batas e blusas”, classificando a atitude dessas alunas como “vestígios da mentalidade colonialista-burguesa (SANTANA, 2014, p.93).

Rami com a conselheira dedicaram seu tempo comentando sobre os mitos e hábitos culturais de norte e sul do país:

[...] dos tabus da menstruação que impedem a mulher de aproximar-se da vida pública de norte a sul. Dos tabus do ovo, que não pode ser comido por mulheres,

para não terem filhos carecas e não se comportarem como galinhas poedeiras na hora do parto. Dos mitos que aproximam as meninas do trabalho doméstico e afastam os homens do pilão, do fogo e da cozinha para não apanharem doenças sexuais, como esterilidade e impotência. Dos hábitos alimentares que obrigam as mulheres a servir aos maridos os melhores nacos de carne, ficando para elas os ossos, as patas, as asas e o pescoço CHIZIANE, 2004, p. 35-36).

Bonh (2009), descreve o cotidiano da mulher moçambicana, que é regada de afazeres doméstico e fora dele, ela que colhe o alimento, pila, cozinha e serve, e do simbolismo do pilão e sua utilidade na vida delas, para pilar exige força tanto no levantar do pilão, como para socar:

Cotidianamente, a mulher levanta cedo, antes dos primeiros raios solares, para conseguir água, pouco de alimento e luta para ter leite em seu peito para a criança não chorar, engatinhar e crescer. Geralmente, não possui dinheiro para comprar nada. À tarde é comum vê-la descansar na sombra de uma mangueira ao lado da casa. Ao anoitecer, pila milho, arroz ou mandioca, e se tiver caril, todos vão saciar-se com prazer. Em geral descansam antes das vinte horas, pois na maioria das localidades do interior só há luz de vela. Pilar é uma atividade específica da mulher, observando-se nessa atividade uma semelhança com os movimentos correspondentes à relação sexual e reprodução humana, como uma dança de simbologia sexual, razão pela qual o homem não faz este serviço. É uma ação que requer força para descascar, moer e limpar os grãos, para depois ficarem prontos para servirem de alimento. É como gerar a vida. É como uma gestação: requer paciência e cuidado. Melhor ainda: pilar é um ato de amor para com o esposo e os filhos. Pilar é uma garantia do alimento na mesa (BOHN, 2009, p. 103).

O pilão é um objeto utilizado pelas mulheres em Moçambique, elas aprendem desde pequena a utilizá-lo, possui tamanho menores, seu valor é baixo, portanto é acessível, está presente em todas as casas periféricas e da cidade, é de muita utilidade para as famílias das mulheres, pois é utilizado para “pilar o milho, descascar o arroz, e socar a mandioca seca” (BOHN, 2009, p. 103).

Figura 7: A mulher pilando



Fonte: <https://pipaaroda.wordpress.com>

Na região sul de Moçambique que é de base patriarcal as mulheres não tem autonomia e são completamente dependentes do marido, foram adquiridas a partir do pagamento do lobolo como efetivação do casamento. “Para alguns homens a mulher é um bem que deve ser adquirido para demonstrar o próprio poder e que a sociedade local considera um valor financeiro devido à difundida prática de dotes” BOHN, 2009, p. 103).

Conforme Bohn (2009), a mulher nesta sociedade constitui um grande valor social e econômico, pois realiza a maioria dos trabalhos agrícolas e todos os trabalhos domésticos, além de ser geradora de numerosos filhos, e caso seja estéril é rejeitada pelo marido, a esterilidade não anula o casamento, uma irmã mais nova ou uma parenta dela pode ocupar o seu lugar, esse arranjo é conhecido por sororato ele paga por uma e fica com duas, como se fosse um objeto que comprou e veio com defeito.

Rami e a conselheira começam a citar as diferenças existentes nas mulheres do Sul e do Norte, que mesmo estando em um mesmo país, possuem diferenças devido à influência religiosa, (o catolicismo, o islamismo), o colonialismo, cultura e tradição em cada região:

As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa fraternidade, dorme com a minha mulher esta noite. No sul, o homem: a mulher é meu gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta. No norte, as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes saltam sons mais doces

e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos da trovoadas. Usam o lenço na cabeça sem arte nem beleza, como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas (CHIZIANE, 2004, p. 36).

Conforme Chiziane (2004), as mulheres são compartilhadas em ambos os contextos, só que as mulheres do norte por não serem loboladas este ato é utilizado para demonstração de estreitamento de laços de amizade, já as do sul como é considerada como uma propriedade é partilhada só em caso de procriação se o seu marido for estéril.

Homem do sul quando vê mulher do norte perde a cabeça. Porque ela é linda, *mutbiana orem*. Porque sabe amar, sabe sorrir sabe agradecer. Mulher do norte quando vê homem do sul perde a cabeça porque tem muita garra e tem dinheiro. O homem do norte também se encanta com a mulher do sul, porque é servil. A mulher do sul encanta-se com o homem do norte, porque é mais suave, mais sensível, não agride. A mulher do sul é económica, não gasta nada, compra um vestido novo por ano. A nortenha gasta muito com rendas, com panos, com ouro, com cremes, porque tem que estar sempre bela. (CHIZIANE, 2004, p. 37).

“É a história da eterna inveja. O norte admirando o sul, o sul admirando o norte. A voz popular diz “que a mulher do vizinho é sempre melhor que a minha” (CHIZIANE, 2004, p. 37).

A conselheira pergunta a Rami se ela não frequentou os ritos de iniciação, disse que não, explicando que o pai é um cristão ferrenho, e que a pressão do regime colonial foi mais forte no sul do que no norte. A conselheira diz a ela, que por não ter frequentado os ritos de iniciação, não é uma mulher, e sim uma criança, na região norte de Moçambique se a mulher ou o homem não passar pelo ritual de iniciação, é considerado criança pois não passou deste ciclo. Para Chiziane:

As culturas são fronteiras invisíveis construindo a fortaleza do mundo. Em algumas regiões do norte de Moçambique, o amor é feito de partilhas. Partilha-se a mulher com o amigo, com o visitante nobre, com o irmão de circuncisão. Esposa é água que se serve ao caminhante, ao visitante. A relação de amor é uma pegada na areia do mar que as ondas apagam. Mas deixa marcas. Uma só família pode ser um mosaico de cores e raças de acordo com o tipo de visitas que a família tem, porque mulher é fertilidade. É por isso que em muitas regiões os filhos recebem o apelido da mãe. Na reprodução humana, só a mãe é certa. No sul, a situação é bem outra. Só se entrega a mulher ao irmão de sangue ou de circuncisão quando o homem é estéril. (CHIZIANE, 2004, p. 39).

Como podemos observar a mulher na região norte e no sul de Moçambique é partilhada mas em contextos diferentes, e quanto ao homem, demonstra Chiziane:

“Nas práticas primitivas, solidariedade é partilhar pão manta e sêmen. Sou do tempo moderno. Prefiro dar a minha vida e meu sangue a quem deles precisa. Posso dar tudo, mas o meu homem não. Ele não é pão nem pastel. Não o partilho, sou egoísta” (CHIZIANE, 2004, p.39).

A autora faz uma viagem e uma análise no tempo:

Haréns com duas mil esposas. Régulos com quarenta mulheres. Esposas prometidas antes do nascimento. Contratos sociais. Alianças. Prostíbulos. Casamentos de conveniência. Venda das filhas para aumentar a fortuna dos pais e pagar dívidas de jogo. Escravidão sexual. Casamentos aos doze anos. (CHIZIANE, 2004, p.39).

E em todas estas situações, qual carne está sendo comercializada? A conselheira explica para Rami, já que Tony também não frequentou nenhuma escola de iniciação, não é homem, é uma criança também, e que a primeira lição da iniciação masculina, tem como primeira filosofia: tratar a sua mulher como a tua própria mãe, como cita Chiziane:

[...] Toda mulher é a personificação da mãe, quer seja esposa, concubina, até mesmo uma mulher de programa. O homem deve agradecer a Deus toda a cor e luz que a mulher dá, porque sem ela a vida não existiria. Um homem de verdade não bate na sua mãe, na sua deusa, na sua criadora (CHIZIANE, 2004, p. 40).

Rami respondi a ela que isso é no norte, e recorda que ela é do sul, e diz que de tudo que ela aprendeu a lição que mais gostou foi essa, diz que o casamento deve ser uma relação sem guerra, e que já levou muita sova nesta vida, ficando com remorso por ter agredido Julieta a segunda mulher do seu marido. A conselheira expõe para Rami a importância que tem o rito de iniciação no norte:

No norte, sem os ritos de iniciação não és gente, és mais leve que o vento. Não te podes casar, ninguém te aceita e, se te aceitar, logo depois te abandona. Não podes participar em nenhum funeral dos teus pais ou dos teus próprios filhos. Não podes aproximar-te de nenhum cadáver, porque não tens maturidade, és ainda criança. Todo filho que por acidente nasce antes dos ritos dos pais, é considerado lixo, impureza, inexistente. Os ritos de iniciação são como baptismo no cristão. Sem baptismo todo ser humano é pagão. Não tem direito ao céu. No sul, homem que não lobola a sua mulher perde o direito à paternidade, não pode realizar o funeral da esposa nem dos filhos. Porque é um ser inferior. Porque é menos homem. Filhos nascido de um casamento sem lobolo não tem pátria. Não podem herdar a terra do pai, muito menos da mãe. Filhos ficam com o apelido materno. Há homens que labolaram suas esposas depois de mortas, só para lhes poderem dá um funeral condigno. Há homens que lobolaram os filhos e os netos já crescidos, só para lhes poder deixar de herança. Mulher não lobolada não tem pátria. É de tal maneira rejeitada que

não pode pisar o chão nem mesmo depois de morta (CHIZIANE, 2004, p. 46-47).

Como ressalta Chiziane (2004), instituições que resistem, e se mantêm ao longo do tempo, e são executadas por mulheres, elas acreditam que sem esses ritos o seu povo perde a essência a sua identidade. Como notamos tanto nos ritos de iniciação como no lobolo, as mulheres que não os praticam, não são bem aceita na sociedade, pois limitam sua participação em vários eventos, pois são consideradas crianças.

Lobolo no sul, ritos de iniciação no norte. Instituições fortes incorruptíveis. Resistiram ao colonialismo. Ao cristianismo e ao islamismo. Resistiram à tirania revolucionária. Resistirão sempre. Porque são a essência do povo, a alma do povo. Através delas há um povo que se afirma perante o mundo e mostra que quer viver do seu jeito (CHIZIANE, 2004, p.47).

Em Moçambique há diversas etnias, e uma que se destaca no norte de Moçambique é a etnia Macuas, de base matriarcal, possui maioria feminina, pois é a sua descendência que assume o poder, pois privilegia na sua sucessão o filho mais velho da irmã do falecido, mas este poder está correndo risco com a influência islâmica e portuguesa com o patriarcado, introduzindo uma série de mudanças na forma de organização dessa sociedade.

Figura 8: Mulheres da etnia Macua



Foto: Fernanda Thomaz (arquivo pessoal)

Neste trecho do projeto de pesquisa coordenado pela professora de História da África Fernanda Thomaz⁴, que está em sua quarta viagem a Moçambique.

⁴ Fernanda Thomaz é Professora de História da África do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), publicado no Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) notícias (2016).

Conforme Thomaz (2016), as mulheres da etnia Macuas são mulheres que possuem liberdade sexual, elas tem direito a sentirem prazer, diferentes das mulheres do sul, passam pelo rito de iniciação, não só elas como os meninos, a poligamia é permitida, mas elas que escolhem as mulheres que querem para seus maridos, é uma sociedade de base matrilinear, são adeptas em sua maioria do islamismo.

Para Thomaz (2016), na sociedade Macuas as mulheres é quem tem poder, pois é sua ascendência que continua no poder em caso de morte, e não como na cultura ocidental, que esta ascendência em sua maioria é dada ao homem, ficando a mulher em segundo plano caso haja homem na família.

A partir da entrevista da Paulina Chiziane ao Café Filosófico em 24 de janeiro de 2019, entende-se que, as mulheres no norte tem poder, ela tem liberdade de escolha e domínio sobre o seu próprio corpo esse poder ficar correndo risco com a presença do islamismo com sua poligamia religiosa e a colonização com o cristianismo, causando uma conflito cultural.

“O poder não pode ser pensado em termos de um grupo que possua seu monopólio e simplesmente o irradie para baixo, a um grupo subordinado, por meio do mero uso da dominação vinda de cima. O poder inclui o dominador e o dominado em seus circuitos” (HALL, 2016, p. 196).

Nesse contexto, Santana evidencia as mudanças introduzida com o islamismo:

O islamismo introduziu uma série de mudanças nas formas de organização das sociedades matrilineares, tais como: o reforço da família poligínia, assim como os casamentos prematuros; mudança no vestir das mulheres, forçando-as a cobrirem mais o seu corpo; conferiu valor a virgindade entre os povos anteriormente usavam a prática do defloramento artificial durante os seus ritos de iniciação; privação das mulheres de alguma proteção que poderiam ter após o casamento por residirem próximos às suas família e introdução da prática do lobolo onde não existia (SANTANA, 2014, p.104-105).

Desse modo Chiziane (2004, p. 44) comenta que “[...] enquanto noutras partes de África se faz a famosa excisão feminina, aqui as genitais se alongam. Nesses lugares o prazer é reprimido, aqui é estimulado”.

Segundo Thomaz (2016), essa liberdade corre risco com a presença de comerciantes islâmicos e colonizadores portugueses, para o europeu deve ser difícil compreender esse poder das mulheres do norte.

Chiziane cita em entrevista “A Páginas Tantas” (2013), ao ser questionada se sente falta do norte de Moçambique:

“O que me faz falta no norte é a língua portuguesa, o português macua, o português maconde eles tem uma maneira tão bela de falar [...] aquela maneira de cantar, as cores alegres que eles vestem, o clima quente toda hora, praias mais belas que o sul de Moçambique, então eu sinto-me completa quando estou no norte, vivo no sul, e no norte vou frequente vezes”.

Segundo Loforte⁵ (2003), mesmo com o passar do tempo as tradições são mantidas com os mesmos valores e recursos aglomerados do passado.

Conforme Loforte (2003), estas tradições se mantêm ao longo do tempo sendo transmitidas de geração em geração, como modo de reafirmar o poder. No caso do norte de Moçambique (base matriarcal) as mulheres temem que caso essas tradições não ocorram elas venham perder o seu poder e assim esse poder venha cair nas mãos dos homens, o mesmo não ocorre na região sul (base patriarcal) com o lobolo, porque o poder nesta região são dos homens mais velhos, que colocam estas mulheres como propriedades dos seus donos, sendo herança para sua família em caso de morte.

Para Loforte (2003), o lobolo uma tradição do sul de Moçambique, é uma transação econômica, pois não se finda com o valor pago pela mulher, ele continua reforçando esta aliança com trocas de presentes e mercadorias cedidos a esta família em diferentes ocasião sustentando o poder dos homens mais velhos.

Com base nessa visão, a Frente também não reconheceu a legitimidade do casamento lobolado. O governo, visando a superação dessa forma de união, passou a incentivar o casamento civil fundando o Palácio dos Casamentos – onde deveriam se realizar as cerimônias do matrimônio –, assim como passou a apoiar realização de festas de casamentos coletivos. Segundo o novo código legal do país, o casamento civil garantia alguns direitos para as mulheres em caso de divórcio, como a guarda dos filhos com pensão paga pelo marido, o que não era possível na lei consuetudinária nem mesmo nas sociedades matrilineares, em que as mulheres tinham a guarda filial assegurada, mas era um dever da mãe assumir, sem o apoio do exmarido, a inteira responsabilidade pelas crianças. (SANTANA, 2009, p.89)

E sobre a questão se o lobolo deve continuar?

Esta questão esteve presente no debate no pós-independência.

Para Santana, havia aqueles leitores que se pronunciava a favor do lobolo, alegando ser a forma de casamento reconhecida pela população, e que a mulher não lobolada era vítima de muitos constrangimentos, tanto por parte de outras mulheres quanto por parte da própria família que não reconhecia seu estatuto de casada, citou também “que entre as mulheres existiam

⁵ Em seu artigo “Mulher, poder e tradição em Moçambique”, publicado em “Outras Vozes”, em novembro de 2003.

aquelas que eram engajadas nesse papel de combate ao lobolo, mas que acabavam sendo loboladas por imposições dos pais” (SANTANA, 2009, p. 91).

Conforme Santana (2009, p.89), “Entretanto, apesar de o lobolo ser condenado e perseguido neste governo, sua prática não foi abolida. Ao contrário, houve um recrudescimento;”, ou seja surgiu com maior intensidade, pois há crenças e mitos de maldição na família do marido caso ele não ocorra. Como ressalta Chiziane:

[...] Que culpam as mulheres de todos os infortúnios da natureza. Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa é delas que sentaram no pilão, que abortaram às escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza (CHIZIANE, 2004, p. 36).

Como a história da princesa insubmissa Vuyazi, que Chiziane (2004), relata que foi contada a ela pelo seu pai, e olha que não era costume na sua região homens contarem história:

Era uma vez uma princesa. Nasceu na nobreza mas tinha o coração de pobreza. Às mulheres sempre se impôs a obrigação de obedecer aos homens. É a natureza. Esta princesa desobedecia ao pai ao marido e só fazia o que queria. Quando o marido repreendia ela respondia. Quando lhe espancava retribuía. Quando cozinhava galinha, comia moelas e comia as coxas, servia ao marido o que lhe apetecia. Quando a primeira filha fez um ano, o marido disse: vamos desmamar a menina, e fazer outro filho. Ela disse que não. Queria que a filha mamasse dois anos como os rapazes, para que crescesse forte como ela. Recusava-se a servi-lo de joelhos e a aparar-lhe os pentelhos. O marido, cansado da insubmissão, apelou à justiça do rei pai dela. O rei, magoado, ordenou ao dragão para lhe dar um castigo. Num dia de trovão, o dragão levou-a para o céu e a estampou na lua, para dar exemplo de castigo ao mundo inteiro. Quando a lua cresce e incha, há uma mulher que se vê no meio da lua, de trouxa à cabeça e bebê nas costas. É Vuyazi, a princesa insubmissa estampada na lua. É a Vuyazi, estátua de sal, petrificada no alto dos céus, num inferno de gelo. É por isso que as mulheres do mundo inteiro, uma vez por mês apodrecem o corpo em chagas e ficam impuras, choram lágrimas de sangue, castigadas pela insubmissão de Vuyazi (CHIZIANE, 2004, p. 157).

Rami conhece todas as outras três esposas do marido, Luísa, Saly e Mauá, estas são norte, onde a poligamia é permitida. E após analisar a situação de cada uma e o relacionamento com Tony seu marido, se une a todas elas, e as ajudam a ter o seu próprio sustento, para que não dependam tanto de Tony.

No aniversário de cinquenta anos de Tony, Rami resolvei junto com as outras esposas, se apresentarem a nata daquela sociedade, e como manda a poligamia todas as mulheres se vestiram iguais e todos os filhos também. Rami trato-as como irmãs, cuidando delas e dos seus filhos, fez as devidas apresentações, cumprindo com classe o seu papel de esposa oficial. Seu

plano deu certo, todas estavam ali reivindicando o seu espaço elegantemente. A reação de Tony, foi de surpresa, vergonha, lágrimas e raiva.

Rami neste dia não quis que esta família permanecesse invisível. Neste dia queria que todos testemunhassem que o coração de Tony era fértil como o húmus.

Após este dia Tony lobolou todas as outras esposas, suas mulheres representam a diversidade existente em Moçambique, são variações de línguas, hábitos, religiões e culturas.

Rami após Tony ser dado como morto, ela passa a ser propriedade da família do marido pois foi paga em lobolo, e ela tem que passar pelo ritual de purificação chamado kutxinga, efetuada pelas mulheres da família de Tony, onde raspam a sua cabeça, e esvaziam sua casa e com oito dias ela teria que manter relação sexual com o sucessor do seu marido, o seu irmão Levi, (para evitar que alguma maldição viesse a cair sobre a família do marido). Após passar por este ritual Rami veio a engravidar. Para Chiziane:

A cultura não é eterna, mas esforçamo-nos por continuar a linha da tradição, faremos tudo o que nos ensinaram, como nos legaram os nossos antepassados. Nós somos mulheres de coragem, e de respeito. Custa muito a aceitar a poligamia, numa era em que as mulheres se afirmam e conquistam o mundo (CHIZIANE, 2004, p.311).

Quando Tony volta e fica sabendo que a esposa passou pelo ritual de purificação, critica a tradição e reconhece que as mulheres nesta região não são respeitadas e que não tem voz. Tony critica a tradição que não deixou nem um colchão para os seus filhos:

“Rami eu já morri assassinado pela tradição. Por isso assumo o risco de desafiar o mundo dos homens. Acabo de provar que dentro da humanidade vocês, mulheres, não são gente, são simples exiladas da vida, condenadas a viver nas margens do mundo” (CHIZIANE, 2004, p. 229-230).

Tony faz uma crítica a tradição após sofrer por ela, pois foi dado como morto e sua viúva Rami teve que seguir o ritual de purificação, até então quando a tradição te beneficiava, e só subjugava as mulheres, ele não havia reclamado.

Nesse sentido, Chiziane comenta a respeito de Tony:

—Fiz do amor um jogo suicida e os vossos choros me perseguem como fantasmas. Ter muitas mulheres não é ser macho, é ser pasto. Nem sei como esses filhos nasceram ou cresceram. Nunca acompanhei as mães à maternidade, nunca os peguei ao colo, são tantos que até lhes troco os nomes, nunca fui aos aniversários deles (CHIZIANE, 2004, p. 331).

Para comentar sobre as mulheres da etnia Changana, do sul de Moçambique, recorro ao artigo de Anésia Manjate (2019), que pertence a esta etnia, e como ela mesma diz, tem acompanhado de perto como as mulheres Changana tem se comportado na sociedade, e por achar, assim como ela, que é importante debater a situação destas mulheres, e contribuir para libertação do seu papel de submissão, com um olhar crítico para algumas culturas e tradições que colocam o homem em posição de superioridade em relação as mulheres. Em função disso Chiziane relata:

— Aprendi a submissão das mulheres changarías. Ajoelhar para entregar um copo de água, ajoelhar para convidar à mesa, ajoelhar para servir café, ajoelhar para receber um membro da família, ajoelhar à simples chamada, ajoelhar, ajoelhar sempre. (CHIZIANE, 2004, p. 260).

Manjate (2019), apresenta em sua obra uma reflexão crítica sobre o ritual Changana, que combinam tradição e religião, ao quais as viúvas da etnia Changana é submetida na região sul de Moçambique. Nesta obra Manjate (2019), que é desta etnia, expõe objetos utilizados no ritual de purificação, com a finalidade de interação do expectador com a obra de um modo reflexivo e crítico, a capulana é o pano usado no lobolo das noivas, tendo particular destaque como objeto de troca ou compra das noivas aos seus pais. E sobre as diversas utilidades da capulana, Chiziane nos conta:

[...] Por isso aconselham: mulher, leva sempre contigo a capulana, para ser a sua coberta em caso de sol. Para ser a sua mortalha, caso encontres a morte. Para cobrir o teu leito, caso encontres o amor. Para cobrir o rosto em caso de vergonha. Para cobrir o nu, caso percas a tua roupa, e esconder a tua vergonha aos olhos do mundo (CHIZIANE, 2004, p. 91).

Figura 9: Técnica mista, dimensões variáveis



Foto: Anésia Manjate (arquivo pessoal)

Nesta obra chamada “Mulher Changana calada” de Manjate (2019), cada objeto tem uma representação simbólica neste ritual de purificação: A esteira é ainda o símbolo do lugar onde o ato sexual do casal, além de ser um objeto usado para as mulheres sentarem em reuniões do conselho de anciãos. O colar de missangas e o terço representam a religião e o quadro pintado a azul o lado espiritual das mulheres onde elas encontram a paz e forças para suportar a dor que os seus corpos carregam por toda a vida. A bola colada na tela representa um espaço que simboliza a liberdade ansiada pelas mulheres. O véu preto que cobre o conjunto de bolas representa simbolicamente um lamaçal em forma de manto, que as impede e inibe de avançarem na direção da sua liberdade e as obriga a mergulharem na escuridão no âmbito de circunstâncias muito difíceis das suas vidas.

A emancipação financeira dessas mulheres foi o passo dado em direção da sua libertação de Tony. Durante o período que estavam com ele eram submissas e dependentes, e mesmo assim tinham a solidão como companheira, até o momento que se veem independentes e bem sucedidas. Elas rompem com Tony e casam-se com outros homens na esperança de encontrar o amor monogâmico. Neste contexto Chiziane cita:

Ruínas de uma família. A Lu, a desejada, partiu para os braços de outro com véu e grinalda. A Ju, a enganada, está loucamente apaixonada por um velho português cheio de dinheiro. A Saly a apeteçada, enfeitiçou o padre italiano que até deixou a batina só por amor a ela. A Mauá, a amada, ama outro alguém. Só

fiquei eu, a rainha, a principal, para lhe salvar a honra de macho. Todas elas vieram e pousaram no meu tecto, uma a uma, como aves de rapina. Agora levantaram voo uma atrás da outra. Todas amaram o meu homem, sugaram-lhe todo o mel e partiram. [...] (CHIZIANE, p. 332).

Esta emancipação destas mulheres se deu graças a Rami, que ao descobrir as traições do marido, ao invés de tentar separá-las uma das outras, se uniram, demonstrando a força e sabedoria existente quando nos unimos, temos poder de modificar tradições criadas e mantidas com o intuito de oprimir, inferiorizar e subjugar as mulheres. Para Chiziane, 2004, p. 290), “-as mulheres, de mãos dadas, podem mudar o mundo [...]”.

Rami se vingava de Tony, quando permitiu passar pelo ritual kutxinga, mesmo sabendo que Tony estava vivo, e ao mesmo tempo demonstra o quanto esta tradição é injusta para com as mulheres, não deixando elas tomarem decisão sobre o seu próprio corpo e nem domínio da sua vida, quando seu marido é morto.

Completa Chiziane (2004, p. 255), “as mulheres deviam ser mais amigas, mais solidárias. Somos a maioria, a força está do nosso lado. Se juntarmos as mãos podemos transformar o mundo [...]”.

E enfatiza “[...] Rami, podemos mudar o mundo. O mundo está dentro de nós!” (CHIZIANE, 2004, p. 289).

Percebemos que quando as mulheres se unem, elas têm poder de modificar tradições, e transformar situações que antes lhe subjugavam a seu favor, e quando elas ascendem financeiramente elas se tornam independentes, donas da sua vida, e conquistam a sua liberdade.

3. Considerações Finais:

Como foi demonstrado em todo o contexto do trabalho, as mulheres em Moçambique são diversas, em ambas regiões há práticas culturais e tradições distintas, mas que de maneira iguais colocam a mulher em posição de submissão em relação aos homens.

Como citei anteriormente, estas tradições são realizadas por mulheres, e passadas de geração em geração, cercadas de crenças e mitos de maldição, fazendo com que elas acreditem que se não efetuarem algum mal cairá sobre sua família e a do marido. Algumas tradições chegaram em Moçambique com o colonialismo, o cristianismo e com o islamismo, foram criadas para beneficiar e pôr alguém em posição de poder, e como podemos perceber, esse alguém não é a mulher, com a independência essas práticas foram perseguidas pela Frelimo, mas ainda continuam sendo praticadas.

As mulheres da região norte de Moçambique tem poder, liberdade sexual e sobre o seu corpo, porque é de base matriarcal, mas este poder não é como uma supremacia, mas sim de ascendência nesta sociedade, as do sul ao contrário submissa aos seus maridos, seu corpo só tem a função reprodutiva, não tem voz nem poder sobre seu próprio corpo, pois nesta região o poder está nas mãos dos homens, é de base patriarcal.

Mas isto não quer dizer que estas mulheres aceitam passivamente as tradições que lhes foram impostas, como vimos demonstrado na obra de Anésia Manjate, elas já estão se mobilizando seja através da arte ou de outras maneiras como Rami que se uniu as outras esposas e fez com que o próprio marido sentisse a dor que a tradição criada por eles pode causar.

Com este trabalho, todos os objetivos traçados foram alcançados, e obtive respostas para meus questionamentos e inquietações, a mulher é representada em Moçambique de múltiplas maneiras, não devemos universalizá-las, demonstraram e continuam demonstrando que está à margem não é o seu lugar, no colonialismo foram símbolos de força e resistência, na Independência tiveram que provar que eram capazes de lutar na guerra com armas na mão, em pé de igualdade com os homens, e provaram que são capazes! No pós-independência avançaram rumo a sua emancipação, mas ainda há muito o que fazer para a própria mulher africana reconhecer e recobrar as suas heranças, que vêm de mulheres guerreiras e fortes do antepassado, pois o sistema pensou em mudanças nas práticas culturais, porém não questionou atitudes machistas e patriarcais que subjagam as mulheres.

E se unam! como foi demonstrado por Rami, quando as mulheres se unem elas rompem qualquer barreira, seja ela da cultura, da tradição, do machismo, do patriarcado. E escrevam! Precisamos que as vozes das mulheres negras sejam ouvidas.

REFERÊNCIAS

- ADESINA, Jimi. **Práticas Africana: Lições de Endogeneidade e Gênero na Academia.** Práticas da Sociologia Africana. 2012, p. 199-209.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas.** Tradução Christina Baum – 1ª ed. – São Paulo. Companhia das Letras, 2015.
- AZEVEDO, Lucínio de. Filme Virgem Margarida – 2012 – youtube Tv Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n7sRMQXDxko> Acesso em 23 de julho de 2021.
- BOHN, José Plácio. Quando tocam os tambores: Saberes e Práticas nas Tradições Moçambicanas. CANOAS, 2009.
- CASIMIRO, Isabel e ANDRADE, Ximena. A identidade do feminismo crítico em Moçambique: situando a nossa experiência como mulheres, Acadêmicas e Activistas. Centro de Estudos Africanos. 8 de agosto de 2007.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia.** –São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
- CHIZIANE, Paulina. A Páginas Tantas- Entrevista exibida em 2 de junho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yYIwTj7afJA> Acesso em 11 de agosto de 2021.
- CHIZIANE, Paulina. Oralidade e ancestralidade. Entrevista no Café Filosófico. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WiLijX_7dDk Acesso em 11 de agosto de 2021.
- DOVE, Nah. **Mulherisma africana. Uma teoria Afrocêntrica.** Universidade Temple. Tradução Wellington Agudá. Jornal de Estudos Negros – Vol. 28. Nº 5, Maio de 1998. 515-539.
- FRANCISCO, Renata Maria Teresa dos Santos. Representações de mulheres moçambicanas na obra de Paulina Chiziane – Niketche: Uma história de poligamia. Dissertação (Mestrado em História social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação/** Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. – Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio: Apicurí, 2016. 260 p:il; 21cm
- KILOMBA, Grada. 1968 – **Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano/** Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. - 1 ed-. – Rio de janeiro: Cobogó, 2019. 248p.: il.; 21cm.
- LOFORTE, Ana Maria. Mulher, poder e tradição em Moçambique. Publicado em “Outras Vozes” nº 05 Novembro de 2003.
- MANJATE, Anésia. Mulher Changana calada. Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher no Extra Lisboa out. 2019. Disponível em: https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-

[68852019000200013&lang=pt?script=sci_arttext&pid=S0874-68852019000200013&lang=pt](https://doi.org/10.6007/19000200013&lang=pt?script=sci_arttext&pid=S0874-68852019000200013&lang=pt). Acesso em 28 de junho de 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.** Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies.* African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

PINHO, Osmundo. **Descolonizando o feminismo em Moçambique.** Sexuality and Gender Politics in Mozambique: Rethinking Gender in Africa ARNFRED, Signe. Suffolk: Nordiska Afrikainstitutet; Uppsala: James Currey, 2011. Review by: Osmundo Pinho *Estudos Feministas Vol. 20, No. 3 (setembro-dezembro – 2012)*, pp. 970-972 (3 pages) Published By: Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina p. 970-972

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTANA, Jacimara Souza. **Mulher e notícias: os discursos sobre as mulheres de Moçambique na revista tempo (1975-1985)** / Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Salvador: J.S.S. 2006, 196p.il

SANTANA, Jacimara Souza. **Mulheres de Moçambique na revista tempo: debate sobre o lobolo (casamento).** *Revista de História*, 1,2 (2009), pp. 82-98.

SANTANA, Jacimara Souza. **Mulheres africanas de Moçambique na Revista Tempo (1975-1985)** / - Itajaí. Casa Aberta; Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca Nacional, 2014, 236p.

SOUZA, Ubiratã. **Introdução: Quais relações para literatura e história em Moçambique?** In: *Entre palavras e armas literatura e guerra civil em Moçambique* [online]. São Bernardo do campo, SP: Editora UFABC, 2017, pp. 1-16.

THOMAZ, Fernanda. UFJF notícias. **Como a história de africanas instiga a repensar o papel da mulher na sociedade**, 2016. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2016/03/04/como-a-historia-de-africanas-instiga-a-repensar-o-papel-da-mulher-na-sociedade/>. Acesso em: 18 de julho de 2021.